

INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL EM CADELA COM DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS

[Behavioral intervention in dog with deficits in social skills]

Diogo Cesar Gomes da Silva^{1*}, Heloisa Bruna Grubits Freire², Laura Raquel Rios Ribeiro¹, Jaqueline de Andrade Torres³

¹ Docente dos Cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Católica Dom Bosco, MS; Discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Católica Dom Bosco, MS.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Católica Dom Bosco, MS.

³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Católica Dom Bosco, MS.

RESUMO – A domesticação do cão não os adaptou aos ambientes humanos, apenas deu-lhes os meios para adaptar-se; por isso, é fundamental a atenção e o trabalho direcionado a organização do cérebro no que tange aspectos sociais no cão, por meio dos chamados períodos sensível e de socialização. Entretanto, as habilidades sociais não terminam nesses períodos, mas permanecem em constante adaptação por meio das aprendizagens respondente e operante. Neste estudo, acompanhou-se o caso de uma cadela da raça Border Collie, de sete anos, com o diagnóstico dos seguintes problemas comportamentais: Medo de pessoas não familiares com episódios de agressão; Ansiedade generalizada envolvendo interação com pessoas familiares e não familiares; Ansiedade de separação; Medo e relutância ao interagir com a guia de passeio; Medo e relutância em ser colocada em veículo. Por meio de intervenção e modificação comportamentais, após nove sessões, definidas como primeiro ciclo de intervenção, a cadela demonstrou evoluções satisfatórias nas habilidades sociais, reduzindo episódios de ansiedade generalizada e de separação, melhorando a comunicação com a família, reduzindo episódios de agressão, e normalizando as rotinas e o convívio social.

Palavras-Chave: comportamento social; problemas comportamentais; relação homem-animal.

ABSTRACT – The domestication of the dog did not adapt them to the human environment, but provided the means to adapt to it. Because of this, it is important to focus on attention and work directed to the organization of the their brain, regarding the social aspects of the dog, through so-called sensitive and socialization periods. However, social skills do not end at these times, but remain lifelong and in constant adaptation by respondent and operant learnings. This study is about the case of a female dog, Border Collie breed, seven years old, with the following behavioral problems: Fear of unfamiliar people with episodes of aggression; Generalized anxiety involving interaction with familiar and unfamiliar people; Separation anxiety; Fear and unwillingness to interact with the collar; Fear and reluctance to be placed in a vehicle. After nine sessions of training, through behavioral intervention, as a first cycle, the dog showed satisfactory changes in social skills, reducing episodes of generalized and separation anxieties, improving communication with family, reducing aggression, and standardizing routines and social life.

Keywords: social behavior; behavioral problems; human-animal relationship.

* Autor para correspondência. E-mail: diogocgsilva@hotmail.com

Recebido: 08 de maio de 2016.

Aceito para publicação: 27 de maio de 2016.

INTRODUÇÃO

A relação entre cães e humanos é a mais antiga documentada entre os animais domésticos e, em um viés evolutivo, histórico e social, fica evidente que nenhuma espécie se destaca como a *Canis familiaris* na interação social com o homem.

Respalgadas pela Etologia moderna, as evidências levantadas por renomados cientistas como Topál et al. (2005), Miklósi et al. (2005) e, mais recentemente, Bradshaw (2012), apoiam a ideia de que, a evolução e a própria domesticação resultaram em um indivíduo único (cão), e vem demonstrando a relevância de compreender as interações interespecíficas, em especial os processos de aprendizagem e desenvolvimento das habilidades sociais.

As habilidades sociais (HS) segundo Caballo (2014), referem-se aos comportamentos humanos presentes no repertório do indivíduo considerados socialmente desejáveis, ou seja, que capacitam o indivíduo a interagir com outro de modo que as necessidades sociais sejam atendidas e satisfaçam as expectativas dos demais. Para Del Prette & Del Prette (1996), HS é um conjunto de comportamentos humanos emitidos pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal na qual se maximizem os ganhos e se reduzam as perdas para as pessoas envolvidas numa interação social. Nesse viés, a etologia apresenta teoria análoga, referindo-se à socialização dos cães como uma construção comportamental resultante da experiência do indivíduo em suas interações socioambientais (Beaver, 2000; Bradshaw, 2012). Dessa forma, cães podem apresentar diferentes níveis de socialização a ambientes, situações e interações sociais, alterando, assim, os ganhos e perdas envolvidos no processo de interação (Bradshaw, 2012). As HS, no entanto, não se resumem unicamente à comunicação intraespecífica, mas também em cenários interespecíficos, como nas interações homem-cão. Devido à mudança de papel do cão na sociedade humana, tem-se observado um crescente registro e queixas sobre problemas comportamentais derivados de falhas comunicativas e sociais, portanto classificadas no âmbito das habilidades sociais. Dessa forma, é urgente a produção de conhecimento específico que oriente a atuação profissional em etologia canina e seus métodos de intervenção.

CASUÍSTICA

Apoiando-se na atual estrutura de atendimento clínico comportamental oferecido pelo Hospital Veterinário da Universidade Católica Dom Bosco, a tutora de uma cadela da raça Border Collie, com

sete anos de idade, não esterilizada, procurou atendimento relatando inicialmente que o animal não conseguia ser conduzido a nenhum local de forma tranquila, além de outros problemas considerados críticos como a agressão a pessoas. A queixa principal durante a anamnese é transcrita a seguir:

“(...) ela é medrosa e não se aproxima de pessoas estranhas. Late muito e às vezes é agressiva com algumas pessoas. Não chega a morder para machucar, mas dá aquelas mordiscadas. Ela chora toda manhã, no mesmo horário, um pouco antes de abrimos a casa, e fica mais ansiosa, latindo e chorando, se a porta não for aberta logo. Fica agitada, correndo de um lado para o outro, late muito quando chegamos em casa, e, na maioria das vezes, salta sobre o carro. Não passeia porque tem medo da coleira, e por isso não conseguimos levá-la para lugar nenhum, nem mesmo em petshop ou no veterinário. (...) e ainda tem medo dos carros; não conseguimos colocá-la e se forçada ocorrem muitos problemas, ela fica muito agitada, com medo. Quando chegam pessoas em casa, fica muito inquieta, late muito e qualquer movimento brusco ela avança”.

A partir da anamnese, coube ao etólogo a avaliação comportamental para diagnóstico, que, conforme descrito por Caballo (2014), o avaliador comportamental deve assegurar que a conceituação teórica do problema descrito represente adequadamente os motivos pelos quais está sendo realizada a consulta. Dessa forma, toda a descrição dos problemas comportamentais pela proprietária foi avaliada por meio de *Observação Comportamental Direta* no próprio ambiente onde o cão vivia. A partir desse ponto, foram delineados *protocolos de intervenção comportamental*, visando modificar os comportamentos alvos.

Todos os protocolos estabelecidos com base na análise de comportamento foram construídos com o objetivo de modificar os comportamentos alvos considerados socialmente deficientes, por meio da alteração das frequências e respostas emitidas pelo cão. Para o sucesso da intervenção, tais modificações foram focadas nas alterações das frequências de ocorrência e emissão de respostas pela cadela em termos de magnitude, generalização e durabilidade, necessárias para produzir os efeitos que se pretendia em um repertório comportamental funcional.

Conforme exposto por Moreira & Medeiros (2008), os objetivos de intervenção quanto a magnitude representa a intensidade mínima necessária para que uma resposta seja eliciada, ou seja, estabelecer e manipular os limiares que sejam capazes de eliciar cada comportamento alvo e assim iniciar a

extinção respondente, reduzindo ou zerando suas frequências. Já a generalização, por sua vez, em termos de condicionamentos respondente e operante, permite que após o cão estar condicionado a um estímulo, outros estímulos que se assemelhem ao estímulo condicionado possam passar a eliciar e a emitir as mesmas respostas (Moreira & Medeiros, 2008). Assim, a identificação de estímulos similares que eram capazes de eliciar ou emitir respostas inapropriadas pelo cão também foram trabalhados em escala crescente de gradiente, reduzindo suas frequências ou dessensibilizando o cão. Por fim, a durabilidade deve ser atingida pela integração da magnitude e generalização (Catania, 2008), por meio de repetição dos protocolos, e, conseqüentemente, a retenção cognitiva do processo (memória), procura garantir sua continuidade no tempo.

A partir do exposto, o resultado da avaliação comportamental realizada na cadela denominada Sujeito 1 (S1) implicou no seguinte diagnóstico, acompanhado da teoria comportamental que a define: *Ansiedade Generalizada*: Trata-se de uma antecipação de futuros perigos, de fontes desconhecidas ou representativas na cognição que resulta em reações fisiológicas associadas a medo (Horwitz & Neilson, 2008). S1 tornava-se ansiosa diante de estímulos nos quais era deficiente em termos de habilidades sociais, como: presença de pessoas não familiares e locais distintos da residência, estímulos que de alguma forma foram aprendidos como aversivos, e foram resolvidos por meio de comportamentos agressivos.

Tais deficiências adaptativas estão muito relacionadas com problemas no desenvolvimento canino, em especial os períodos críticos denominados inicial e de socialização (nascimento até por volta dos quatro meses de vida) (Beaver, 2001; Horwitz & Neilson, 2008; Bradshaw, 2011). No caso de S1, o animal foi adquirido sem conhecimento de antecedentes sociais ou genéticos e a família relata que desde filhote S1 é tensa e ansiosa.

S1 também era vista expressando comportamentos ansiosos em outro animal da casa, uma fêmea Dachshund de mesma idade, por meio de perseguição e mordedura leve, bem como a brinquedos (mastigação excessiva de bolas de couro). Esses fenômenos são descritos por Lorenz (1998) como Comportamento Apetitivo em Esquiva e representam falhas adaptativas em função principalmente de estresse ambiental. S1 apresentava, ainda, exibições de vocalização intensa, choro e inquietação na presença de pessoas desconhecidas, sendo todas potencializadas na presença dos proprietários.

Dessa maneira, parte dos comportamentos ansiosos foi diagnosticada como eliciados pela e emitidos na presença dos proprietários. Alguns comportamentos foram nitidamente eliciados por falas e comunicações dos familiares com o animal, na tentativa de acalmá-la ou adverti-la, e, assim, entende-se que os esquemas de comportamento de S1 eram mantidos ora por reforço positivo, ora por reforço negativo.

Ansiedade de Separação: Trata-se de uma resposta de desconforto que cães podem experimentar quando separados da pessoa (ou pessoas) a quem são mais apegados ou socializados. Esse desconforto pode resultar em problemas comportamentais na ausência percebida da figura social (Beaver, 2001; Horwitz & Neilson, 2008). Quando a família não se encontrava em casa, havia relatos de comportamentos ansiosos intensos, como vocalização e choro, movimentos intensivos e repetitivos, entre outros. A ansiedade de separação é comum como derivada da ansiedade generalizada, associada a falhas nas rotinas sociais adequadas para o bem-estar canino. Geralmente, a ansiedade de separação é proveniente de interações intensas com os indivíduos envolvidos associadas à ausência de outras interações sociais importantes, como as da própria espécie e com demais pessoas. Além disso, deriva da baixa qualidade do ambiente físico, baixa atividade física e estimulação cognitiva, e, por fim, variações individuais (Beaver, 2001; Horwitz & Neilson, 2008).

Agressão por medo: A agressão é um comportamento normal do repertório canino, associado a padrões de ordem social, comunicativa, predatória e etc. No entanto, a agressão pode ser aprendida diante de contingências específicas (Beaver, 2001; Horwitz & Neilson, 2008; Bradshaw, 2012). No caso de S1, a agressão está associada à sua falta de socialização, por consequência, pela ansiedade e medo. Nas avaliações e nos testes sociais, quando ignorada, a cadela mantinha uma distância segura, diminuindo os comportamentos agressivos ou ansiosos, somente expressando agressão direcionada quando aumentadas as intensidades de estímulos provenientes das pessoas não familiares. Ao gesticular, se movimentar ou falar com o animal, aumentando a aproximação, este demonstrava agressão, chegando a morder levemente. S1 aumentava a frequência de comportamentos agressivos quando os tutores se dirigiam a ela na tentativa de “apresentá-la” ou “acalmá-la”, demonstrando as contingências nos esquemas de reforçamento que descrevem as agressões por medo. Toda tentativa de “apresentar” ou “acalmar” S1 a estranhos foi considerada um reforço positivo e todas as tentativas de “corrigi-la” foram consideradas reforçadores negativos. Na

perspectiva do condicionamento operante, como discutido por Moreira & Medeiros (2008), todo comportamento produz consequências e, assim, é controlado por elas. Algumas dessas consequências aumentam a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer e são denominadas de reforço. Portanto, reforço é entendido como uma relação entre o comportamento e o ambiente (Catania, 2008). No caso do reforço positivo, aumenta a probabilidade de um comportamento ocorrer modificando o ambiente pela adição de estímulo; já o reforço negativo, aumenta a probabilidade de um comportamento ocorrer na tentativa de subtrair um estímulo do ambiente ou fazer com que ele não ocorra (Catania, 2008; Moreira & Medeiros, 2008; Caballo, 2010).

Medo: O medo é uma resposta emocional básica dos animais, como meio adaptativo para as variadas circunstâncias ambientais; no entanto, esse comportamento pode ser aprendido e potencializado em casos que comprometem a qualidade de vida do animal (Beaver, 2001; Horwitz & Neilson, 2008). S1 apresentava medo de pessoas não familiares, de alguns objetos (como coleiras e guias), de situações como ser colocada em um veículo, de ambiente não familiar (como a rua), expressando em relação a todos eles uma alta reatividade e, por vezes, agressão. As origens do medo generalizado de S1 não puderam ser associadas a problemas no desenvolvimento social inicial devido à ausência de informações, o que direciona a perspectiva do problema a fatores observáveis, como a deficiência social identificada e o estresse ambiental. Também foi identificado em S1 medo a outros cães, com reações de fuga e esquivas intensas, e a fogos de artifício — não trabalhados nesse primeiro ciclo de sessões aqui apresentados, mas derivados da mesma teoria de *déficit* social e estresse.

DISCUSSÕES

A partir do diagnóstico, os tutores do animal foram instruídos quanto as possíveis origens e manutenções dos problemas comportamentais de S1. Essa questão é fundamental para a intervenção comportamental, já que os tutores compõem o principal elemento de modificação do comportamento.

O procedimento de intervenção contou com nove sessões de uma hora cada, todas com a presença do etólogo e sua equipe. À família cabia a continuidade das sessões, por meio de *Regras de conduta*, durante o restante da semana. A cada semana, o etólogo e a equipe registravam os relatos da família a respeito da evolução do animal, seguidos da observação de seu comportamento,

para, então, dar continuidade às intervenções e modificações comportamentais.

Para facilitar a aprendizagem operante, utilizou-se de condicionamento respondente por meio de aparelho *clicker* para posterior modelagem (treinamento de habilidades sociais). *Clicker* é um instrumento que emite um som constante ao ser pressionado e é muito utilizado em adestramento de várias espécies animais, em especial dos cães (Bradshaw, 2012). Na linguagem comportamental, o condicionamento respondente é um esquema de aprendizagem de novos reflexos (Moreira & Medeiros, 2008). Um reflexo é aqui entendido como uma relação entre um estímulo e uma resposta (Catania, 2008). Neste ponto, o *clicker* foi conduzido da forma descrita a seguir.

Estímulo neutro (EN) é o som do *clicker*. Foi associado a uma *resposta não condicionada (RNC)* no animal (atenção/prontidão) por meio do seu emparelhamento com um estímulo não condicionado (ENC) — o petisco —, construindo um *estímulo condicionado (EC)* e uma *resposta condicionada (RC)*, ou seja, o som do *clicker* é associado com um alimento e capaz de eliciar respostas condicionadas.

Esse procedimento visou condicionar S1 ao instrumento, facilitando e potencializando todo o treino subsequente para modificações comportamentais. O *clicker* pode, então, ser descrito como um “marcador”, sinalizando a S1 quando cada comportamento poderia ser recompensado (reforçado) e, assim, aumentar as frequências de comportamentos pretendidos pelo etólogo.

Após o condicionamento de S1 ao *clicker*, iniciaram-se todos os treinamentos em esquemas operantes, em que o comportamento do animal produz consequências e, portanto, é controlado por elas (Moreira & Medeiros, 2008). Dessa forma, o reforço que se apresentava à S1 foi utilizado estrategicamente, já que quando uma resposta (comportamento) é reforçada, sua probabilidade de ocorrer aumenta. No entanto, esse aumento não é permanente, e o responder volta aos níveis anteriores tão logo o reforço seja suspenso (Catania, 2008; Moreira & Medeiros, 2008). Por isso, a família foi orientada a manter os reforços para os comportamentos desejados e evitar o reforço dos indesejáveis (extinção operante). Todos os comportamentos relacionados à ansiedade generalizada, de separação e comportamentos de agressão foram trabalhados nesse viés.

Tem-se, então, uma contingência em reforçamento, para contextualizar as consequências do responder, que indicam o efeito de uma resposta sobre a

probabilidade de um estímulo. A respeito da extinção do comportamento não desejável, tratou-se, na verdade, da suspensão da contingência e das apresentações do reforço (Catania, 2008).

Para o desenvolvimento deste caso, optou-se por um esquema de reforçamento contínuo, que reforça cada resposta do animal (Moreira & Medeiros, 2008) a fim de aumentar a frequência dos comportamentos objetivados. Outra técnica utilizada foi a Modelagem, que consiste em um procedimento para gerar novas respostas (comportamentos), operando em reforço diferencial por aproximações sucessivas (Catania, 2008).

Dessa forma, se reforça uma sequência de comportamento extinguindo-se outros. Construiu-se comportamentos como: *Sentar, Deitar, Fica e Não*, utilizados ao longo da intervenção com S1 para novas aprendizagens e, portanto, novos repertórios comportamentais. A modelagem é relevante porque quando se constrói novas respostas pode-se facilitar a interação homem-animal, melhorando o controle de problemas, facilitando canais comunicativos e, ainda, dando outra opção a um comportamento problema. Assim, sempre que S1 comportava-se dentro de um esquema de habilidades sociais favorável era reforçada positivamente. Sempre que S1 apresentava comportamentos associados à agressão, seguia-se reforçamento por meio de solicitações como *sentar* e *fica*. No caso dos comportamentos envolvendo ansiedade, inicialmente, orientou-se a extinção operante, com a eliminação dos reforços (como atenção mal direcionada, permissões a comportamentos inapropriados *etc*) e, posteriormente, reforçamento positivo diante de emissões de comportamentos relaxados ou calmos. Nos casos de agressão a pessoas e medo de objetos e eventos, foi utilizada a técnica de Dessensibilização Sistemática (DS), que, segundo Moreira e Medeiros (2008), trata-se de “(...) dividir um procedimento de extinção do comportamento em partes (...) por meio da construção de uma escala crescente da intensidade do estímulo” (p. 40).

A DS em associação com o reforçamento positivo em aproximações sucessivas foi utilizada para os comportamentos de S1 no medo de guias e coleira, medo do veículo e comportamentos agressivos, justamente pelo seu potencial comprovado em Psicologia Comportamental (Catania, 2008; Moreira & Medeiros, 2008; Caballo, 2010) e na Etologia com pacientes caninos e felinos (Beaver, 2001; Horwitz & Neison, 2008).

Todos os contatos entre a equipe e S1, bem como o preparo de S1 aos passeios e ao manejo para o veículo, se fizeram por meio da DS ao longo de todas as sessões. A partir das repostas de S1 à DS

foi possível iniciar passeios e conduzi-la a diferentes locais com o veículo, permitindo a possibilidade de exercícios físicos, estimulações sociais, ambientais e cognitivas, o que repercutiu positivamente em todos os comportamentos trabalhados.

Ao longo das nove sessões, a DS foi utilizada para promover socialização e facilitação social entre S1 e a equipe, e posteriormente com os objetos que causavam medo e insegurança, e, então, combinados com a modelagem, permitindo a criação de comportamentos alternativos apropriados.

Os sintomas de ansiedade diminuíram e S1 passou a ser descrita pelos tutores como mais sociável e tranquila. Os episódios de agressão diminuíram substancialmente, persistindo somente diante de uma estimulação intensa. Foi sugerido aos proprietários que S1 permanecesse em trabalho, a fim de potencializar suas habilidades sociais e alcançar outros problemas comportamentais até o momento não contemplados, como medo de outros cães e de fogos de artifício.

CONCLUSÕES

O caso S1 deu-se com o animal sendo conduzido ao hospital veterinário da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), para sua primeira consulta em mais de cinco anos, transcorrendo todo o procedimento sem acidentes ou incidentes, com S1 comportando-se dentro da normalidade esperada. A família atualmente possui maior autonomia em termos de controle, comunicação e rotinas diárias relacionadas aos cuidados e manutenção da saúde de S1.

REFERÊNCIAS

- BEAVER, B. V. **Comportamento Canino**: Um guia para veterinários. 1. ed. São Paulo: Roca, 2000. 432 p.
- BRADSHAW, J. **Cão senso**: Como a nova ciência do comportamento canino pode fazer de você um verdadeiro amigo do seu cachorro. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 392 p.
- CABALLO, V. E. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento**. 1. ed. São Paulo: Editora Santos: 2014. 873 p.
- CATANIA, A. C. **Aprendizagem**: Comportamento, Linguagem e Cognição. 4. ed. São Paulo: Artimed, 2008. 467 p.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 287-389, 1996.
- LORENZ, K. **Os fundamentos da etologia**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1995. 466 p.
- MIKLÓSI, A. et al., A comparative study of the use of visual communicative signals in interactions between dogs (*Canis familiaris*) and humans and cats (*Felis catus*) and humans. **Journal of comparative Psychology**, v. 119, n. 2, p. 179-86, 2005.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 221 p.

HORWITZ, D.F. NEISON, J.C. **Comportamento Canino e Felino**. 1. ed. São Paulo: Artimed, 2008. 662 p.

TOPÁL, J., et al. Obeying social rules: A comparative study on dogs and humans. **Journal of Cultural and Evolutionary Psychology**, v. 3, n. 3-4, p. 213-38, 2005.